

INFORME GEOGRÁFICO



Boletim Informativo do Curso de Geografia
UESC - Ilhéus - Bahia
Ano IV - Nº 8 - Maio/Junho 2005

A INTEGRIDADE DOS TERRITÓRIOS: UM TEMA DA ATUALIDADE

Natanael Reis Bomfim¹

Nos últimos anos, os debates sociais e científicos têm levantado a questão sobre as regiões e as comunidades periféricas das grandes cidades, engajando opiniões mais claras sobre território e territorialidade, e favorecendo, indiretamente, uma reflexão sobre a progressão da globalização dos países e nações. Assim, durante os anos 90, pela afinidade mundial, seja do sujeito ou da organização do imenso territorial brasileiro, estes debates se justificam pelos movimentos políticos e sociais ligados ao fenômeno da globalização e pelo seu impacto sobre as economias nacional e regional, no que se refere à distribuição e à redistribuição dos territórios rurais e urbanos.

Estas circunstâncias fornecem um desafio interessante para o desper-

tar de uma consciência territorial (Mesquita, 1990), pois as práticas e os direitos sociais exigem, por parte das comunidades, uma percepção clara de experimentação, de raciocínio e de ação coordenada, num espaço e num momento crítico (migração, emprego, pobreza). Por isto, observamos assim a emergência de *novas* territorialidades, *novas* economias, *novos* espaços de vida e mesmo de *novas* solidariedades susceptíveis de transformar radicalmente as concepções clássicas de regionalismo e urbanismo. Destas emergências, (às vezes com sucesso) nasce a vontade de uma sociedade particular a fim de valorizar e controlar seu próprio desenvolvimento. Assim, todos os organismos humanitários internacionais e todos aqueles de-

pendentes da Organização das Nações Unidas (ONU), do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional (FMI) buscam, cada vez mais, associar as comunidades ao seu próprio desenvolvimento e à sua própria experiência. Significa dizer que sem a participação efetiva da comunidade não haveria emancipação social durável.

Estes debates, portanto, se apóiam sobre os fundamentos de uma inteligibilidade do espaço articulando de fato uma concepção territorial. Esta nova concepção de *territorialidade* se apresenta como um fator essencial no discurso social e no conceito de território, fazendo-se assim objeto de numerosas polêmicas no campo das ciências humanas.

Concluindo, acreditamos que, diante deste con-

texto, é fundamental investigar a perspectiva do conceito de território, a partir dos conceitos tradicionalmente desenvolvidos pelas ciências humanas. Logo, particularmente na Geografia, nos resta saber: quais são os postulados referenciais utilizados pelos geógrafos a respeito desta nova territorialidade? Qual a preocupação didática e qual o nível metodológico que se aplicam às regras territoriais e sociais nos setores das atividades da geografia contemporânea? Em resumo, estas questões anunciam um desafio para novas pesquisas e uma reflexão para os políticos, os gestores, os especialistas em economia, geografia e urbanismo.

¹ *Professor de Cartografia da UESC. Dr. em Didática da Geografia pela Universidade do Quebec, em Montreal.*

ENTREVISTA - MELHEM ADAS

O Boletim Informe Geográfico entrevistou um dos mais conceituados autores de livros didáticos do Brasil, Melhem Adas.

No Evento, Um encontro com Melhem Adas: Geografia e Educação, ocorrido em 21 de maio de 2004 no auditório Jorge Amado (UESC), a equipe do BIG não perdeu a oportunidade de entrevistar com exclusividade esse autor, um exemplo de vida e profissionalismo.

ORIGEM DO NOME

ADAS - Sou neto de imigrantes libaneses, de portugueses e índios, haja visto o nome de minha avó, Maria Pureza do Amaral. Então eu tenho aí uma miscigenação de povos: Árabe, Libanês, Indígena, Português. Sou Brasileiro.

Nasci em São Paulo, minha infância vivi numa cidadezinha do interior chamada Cedraz, esse nome advém do fato que a região era rica em cedro. Depois dos doze anos voltei para São Paulo e lá fiz faculdade, trabalhei. Parte de meus filhos eu tive lá, posteriormente fui para o interior do Estado de São Paulo, Ribeirão Preto, uma cidade no Planalto Ocidental Paulista, naquela famosa área de terra roxa, muita cana-de-açúcar, laranja, é uma área de monocultura que ocupa as melhores terras do país.

FORMAÇÃO

ADAS - Iniciei fazendo economia, houve uns percalços na vida familiar e tive que parar de estudar por dois anos, não voltei mais para economia, acabei entrando na geografia, fiz na Universidade Católica de São Paulo.

Não tenho doutorado - acabei fazendo pós-graduação no regime antigo, que é muito diferente dessa fase de obter mestrado. Eu sempre tive inclinação para a licenciatura, sempre me voltei para o magistério e seu exercício.

BIG - Quando começou a fazer livros didáticos?

ADAS - Eu trabalhava num curso em São Paulo chamado curso Anglo-Latino, veja como as coisas acontecem, um colega meu que dava aulas também no curso falou: - Adas, acabei de fundar uma editorazinha. E alugou um sobradinho que tinha sala, cozinha, dois quartos em cima, ali nasceu a Editora Moderna. - Adas, eu já tenho três livros para uma nova editora, um livro é o meu e se você tem as apostilas aqui no Anglo vamos publicar na forma de livro. Eu falei que a apostila tem muitas lacunas, e assim está fazendo 31 anos que surgiu o meu primeiro livro "Estudos de Geografia". Fui um dos fundadores da Editora Moderna e participei daquele movimento para uma geografia mais progressista.

BIG - Como você vê o uso dos módulos nas escolas?

ADAS - Eu vejo isso de forma lastimável porque são resumos bastante acentuados, são trabalhos de outras pessoas, apenas modificando as orações, eu vejo isso como uma tragédia porque isso envolve grandes interesses comerciais, não só de quem fornece o módulo, mas da própria escola.

BIG - O livro é uma Bíblia?

ADAS - Elemento fundamental em sala de aula não é o livro didático, é o professor, ele vai aplicar a realidade distante para a realidade imediata do educando, então, aquilo que é abordado muitas vezes num material didático que é de uma abrangência nacional ele pode muito bem, com

suas possibilidades, aplicar às realidades local e regional, porque isso não exclui a necessidade do aluno ter a visão do todo e não apenas a visão da parte. Então cabe ao professor, indiscutivelmente, como elemento principal em sala de aula, ter essa percepção, ter isso com clareza, e trazer a realidade distante para a realidade imediata do educando.

BIG - Pode-se regionalizar o conteúdo do livro didático?

ADAS - Pode, desde que o professor aplique à sua realidade, fazer o livro para cada localidade. Se você escrever como estudante de geografia, você poderá ter isso como projeto e fazer um livro para essa realidade, mas não esqueça do seguinte, a verdade é o todo e não a parte. Para você explicar a geografia de Itabuna e de Ilhéus, você não pode dissociar da realidade nacional e da conjuntura mundial, você tem que estudar a parte sempre relacionando-a com o todo, senão você vai cometer um erro metodológico.

BIG - Pode existir um livro didático perfeito?

ADAS - Não tem livro didático perfeito, pelo seguinte, são 'n' temas que têm que ser tratados em páginas limitadas. Então você acaba comprometendo a profundidade de uns temas ou de outros, você pode aprofundar um, mas pode deixar um déficit em outro, por isso que volto a insistir, desculpe-me por isso, o professor é a viga mestra e não o livro, o livro é tão somente um instrumento auxiliar.

Se você vai fazer um livro sobre os ecossistemas brasileiros, você vai fazer só um livro de ecossistemas, a iniciação geográfica significa você introduzir os temas para o aluno. O aprofundamento vem porque a introdução dos temas desperta também vocações, talentos, também o professor pode utilizar os paradidáticos, como agora, vai sair o meu primeiro paradidático sobre a fome, eu tenho um artigo de 1988, mas eu o ampliei, ali eu abordei a estrutura fundiária. Para explicar a fome, abordei a presença das transnacionais e do capitalismo monopolista e a força persuasiva da publicidade criando necessidades nem sempre necessárias, que é uma crítica à sociedade de consumo, então ali, no paradidático, você tem a possibilidade maior que tem o didático, no paradidático você pode dar uma abrangência bem maior por que eleger um tema. No livro da 6ª e 7ª série eu abordei a fome em um trechinho curto.

BIG - Qual é o seu sonho?

ADAS - Eu tenho um grande sonho, mas eu não vejo como ele vai se realizar. É o seguinte: eu estou com 65 anos de idade, com 15 anos de idade, portanto, há 50 anos atrás eu freqüentava a escola pública de São Paulo e já demonstrava com outros colegas uma preocupação muito grande com as questões sociais do nosso país, e a gente discutia sobre aquelas injustiças ali existentes e dizia-

mos, pensávamos assim: Não tem problema, o Brasil vai mudar; quando nós ficarmos velhos nós teremos um outro Brasil. Então a minha grande frustração é essa, eu já vivi mais de 2/3 de minha vida, já faço parte dos idosos do país e vi que meu país, ao invés de melhorar, piorou. Em relação a 50 anos atrás, quando eu tinha 15 anos, era um grande sonho chegarmos à velhice, ver um Brasil melhor. Você vai dizer: mas Melhem, não melhorou? Sim, mas melhorou materialmente. Naquele tempo para fazermos uma ligação interurbana, demorava horas, hoje é automático, mas as condições sociais não melhoraram, antigamente existia a pobreza, não existia a miséria, hoje a miséria está até no centro urbano, veja as grandes cidades, a violência urbana que é a expressão mais visível da incapacidade do Estado Brasileiro em promover a inserção social, o estado é incapaz. Vamos discutir por que ele é incapaz: porque é uma crise. O estado apropriado por grupos dominantes que transformam o Estado em propriedade particular e não como entidade pública; essa é a minha grande frustração.

BIG - O computador pode substituir o professor?

ADAS - Alguém já chegou a falar que o computador iria acabar com o livro, acho que nunca acabará, porque o livro permite ler, reler, levar pra cá e pra lá e fazer uma grande reflexão. Você faz a grande reflexão é sobre o texto escrito, eu por exemplo vou ler um livro, vamos admitir, de pedagogia, eu costumo ler o mesmo texto quatro vezes para que possa extrair do texto os elementos substanciais que ele contém e hoje a informática e a disponibilização é grande e não resta dúvida que é um grande instrumento que auxilia, eu consulto também, mas tem muito lixo lá dentro.

BIG - Você concorda com a dicotomia da Geografia física e humana?

ADAS - Confesso que ainda não consegui fazer o que seria o ideal, é uma dificuldade acabar com essa dicotomia natureza-sociedade. Eu acho que está iniciada, mas não está terminada essa integração. É preciso avançar de forma significativa.

BIG - Como você vê a Geografia do Brasil e do mundo?

ADAS - Se você vier a conhecer a geografia escolar no mundo desenvolvido, desculpe-me dizer, ela é indecente, a geografia escolar. Ela não tem a criticidade que nós temos. Na verdade nós olhamos o mundo com um olhar diferente do jovem francês, do jovem canadense e daí a fora. Entendeu? Eles olham com a visão do mundo desenvolvido, então os nossos livros, não estou dizendo os meus, os nossos livros, batem de longe nos livros deles, do material escolar; eu conheço o livro francês, italiano, norte americano, o inglês, batem de longe.

Boletim Informativo do Curso de Geografia
UESC - Ilhéus - Bahia - Ano IV - Nº 8 - Maio/Junho 2005

Fundador: Saulo Rondinelli.
Editora-Chefe: Evilania Bento da Cunha,
Editores assistentes: Isis Penna Lima, Telynisson Pereira.
Colaboradores: Melrison Pinheiro, Saulo Rondinelli.
Design Gráfico: Marcos Maurício (marcosmauricio@gmail.com)
Revisão: EDITUS.
Impressão: Gráfica da UESC.

Os artigos/textos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores; não refletindo, necessariamente, a opinião do BIG.
BIGEO - Boletim Informe Geográfico - Assuntos referentes ao jornal: Matérias, informações, críticas, sugestões, etc.

Equipe:
Evilania Bento da Cunha – evilaniageo@yahoo.com.br
Isis Penna – penna@uol.com.br
Telynisson – tecogeo@hotmail.com
Saulo Rondinelli – geoilheus@hotmail.com
Website: www.bigeo.vilabol.uol.com.br -
Colegiado de Geografia – DCAA
Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC - Rodovia Ilhéus/
Itabuna, Km 16 cep: 45650-000 - Ilhéus – Bahia – Brasil

ATTITUDE

A UESC se fez presente no VI Congresso Brasileiro de Geógrafos com a participação dos professores Gilmar Trindade, Maria Helena Gramacho, Clarice Gonçalves, Edinice e Lourdes Bertol (essas duas últimas estão no doutorado). Infelizmente a presença de estudantes resumiu-se ao presidente do CAGEO, Luciano Portela, a Maria Cristina Báfica e Evilania Bento da Cunha, fato lamentável por ser este Congresso o maior evento da Geografia do Brasil. Esperamos que no próximo encontro da AGB/Nacional, que acontecerá em Rio Branco, no Acre, no ano de 2006, haja uma maior mobilização e participação da UESC. Confira nas fotos abaixo algumas mesas redondas e seus expositores.

Mesa Redonda 24 - Novas Territorialidades e Migração.
Da esquerda para direita:
Heinz Dieter Heidemann USP,
Rogério Haesbert da Costa UFF,
Celene Cunha M. A Barreira UFG,
Carlos Walter Porto Gonçalves UFF.

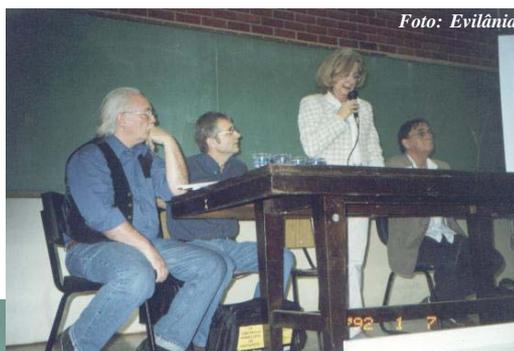


Foto: Evilânia

Foto: Evilânia



Mesa Redonda 06- Transformações Territoriais no Mundo Contemporâneo. Da esquerda para direita: **Francilane Eulália de Souza UFG,** **Antônio Carlos Robert de Moraes USP,** **Mônica Arroyo USP**

Mesa Redonda 09 - A Geografia e a Cidade no Brasil. Da esquerda para a direita: **José Ademir de Oliveira UFAN,** **Odeth Seabra USP,** **Ronaldo da Silva UFG/Catalão,** **Olívio Dutra Ministério da cidade,** **Jan Bitoun UFPE.**



Foto: Evilânia



Professores da UESC assistindo à exposição da Mesa Redonda 09. Da esquerda para direita: **Gilmar Trindade,** **Clarice Gonçalves,** **Helena Gramacho.**

Estudantes da UESC no Campus da Universidade Federal de Goiás, ao fundo a cidade de Goiânia. Da esquerda para direita: **Evilania Bento,** **Luciano Portela,** **Maria Cristina Báfica.**



GEOPoesia

POEMA PARA OS QUE PRECISAM SE LIBERTAR

Cláudio Pádua - 7º semestre - Geografia

Triste daquele que tem medo das palavras,
Que nem as lê e não enxerga além
Não quer saber que outras opções existem,
Que não apenas as que conhece bem.

Triste daquele que julga-as antecipadamente,
E nem quer saber o que delas pode extrair,
Algo que lhe sirva futuramente
Como conhecimento de um mundo por vir.

Triste daquele que não enxerga
Que das coisas, o que importa é o sentido
Não a forma como foram ditas,
Que ofendem o mentalmente desvalido.

Tenho pena dos que não mudam de quando em vez,
Pois, ser metamórfico é essencial,
Tentando mudar pra melhor, talvez
Ganhem bagagem fundamental.

Devemos, sempre, nos arriscar,
Já disseram outros, além de mim,
Sem nenhum medo de errar,
Assim, saberemos da história o fim.

Ouvir não tira pedaço,
Não é preciso concordar,
Analisar não traz cansaço,
Quem sabe, iremos aceitar?

Por isso, queridos (as) desafetos,
Abram a mente para tudo,
Que, sugerido, os deixe mudos,
E se ponham a experimentar.

Se, entretanto, não concordarem,
Aventem a possibilidade,
De um dia dizer sim a novos ares,
E o intelecto agradecerá.

ROTAÇÃO

II IBGEO

ENCONTRO BAIANO DE ESTUDANTES DE GEOGRAFIA

O EBEGEO foi uma conquista dos estudantes de Geografia da Bahia, após muita luta e reuniões do COBEGEO (Conselho Baiano dos Estudantes de Geografia). A primeira edição aconteceu em abril de 2004, na UESB, em Vitória da Conquista, sendo essa Escola sede e coordenadora executiva do evento. Todos os que fizeram parte da construção sabem o quanto foi difícil, porém se hoje organizamos o II EBEGEO, agradecemos aos colegas, que agora já formados deixaram para nós um legado de luta e persistência que não podemos deixar calar.

E assim, nos dias **26,27 e 28 de maio de 2005** aconteceu mais uma versão do EBEGEO com o Tema: **O PAPEL DA GEOGRAFIA NO EQUILÍBRIO: PRESERVAÇÃO AMBIENTAL/NECESSIDADES SOCIAIS NA BAHIA**. Dessa vez a Escola sede foi a UESC e a Coordenadora Executiva foi da UNEB – Caetitê. Visite o nosso site: www.ebgego.cjb.net.

No próximo número traremos detalhes do evento.

DIA DO GEÓGRAFO

Até ingressar no curso de Licenciatura em Geografia, em 2004, eu não sabia que existia um “dia do Geógrafo”. Foi no Acampamento Geográfico, evento organizado pelo CAGEO, para comemorar o dia do Geógrafo, que descobri que 29 de maio é dedicado ao Geógrafo. Este é o segundo ano que comemoro “o meu dia”, então comecei a questionar por que no dia 29 de maio? Algo especial aconteceu nesta data? Ou será que é mais uma data alegórica para dizer, você existe?

Saí em busca de resposta na rede internacional de informações e encontrei um texto fantástico sobre a profissão do geógrafo, dentre outras questões acerca desta profissão. O texto dizia que “geógrafos têm feito pesquisas fundamentais que vão desde orientações para que pessoas com problemas de incapacidade física possam guiar-se em complexas áreas urbanas...” cf. www.geomundo.com.br.

Mesmo não respondendo à minha questão, por que no dia 29/05, reportei-me para a UESC e lembrei-me de Márcio, colega nosso que perdeu a visão e encontra-se em situação delicada para continuar o curso, já que a universidade não está preparada para receber pessoas com essa deficiência física, a biblioteca não dispõe de livros em braile. No momento, Márcio frequenta o curso como ouvinte não é matriculado nas disciplinas.

Acredito que o papel do Geógrafo, antes de analisar o espaço, deve ser perguntar como diz o livro **Por uma outra Globalização**, de Milton Santos: “*como ser cidadão de um país diante das desigualdades?*”

Uma boa notícia é saber que o Colegiado de Geografia está preocupado com este problema e na última reunião no dia 19 de abril foi um dos assuntos em pauta. Resta-nos lutar para que a burocracia reinante em nossos órgãos públicos não prevaleça e Márcio possa analisar o Espaço a partir do seu ponto de vista.

Ainda sem saber quando surgiu essa comemoração, vejo que o dia do Geógrafo serve para nós mesmos nos perguntarmos: que papel assumimos diante da sociedade brasileira que almeja dias melhores?

A Editoria



PEDIDOS DE RICO E POBRE

Dois capiaus entram numa capela numa cidadezinha do interior e começam a rezar em voz alta. Um deles é bóia-fria e o outro, fazendeiro. O bóia-fria pede:

-Meu Santo Expedito das Causas Urgentes, por favor, me ajuda a ganhar uns dez reais no bicho pra comprar farinha e feijão pros meus meninos!

O fazendeiro também faz o seu pedido:

-Santo Expedito, por favor, não deixe o governo fazer a tal de reforma agrária, dá uma força nas exportações de laranja e aumenta o preço do boi gordo pra que eu possa comprar mais terras, umas vacas holandesas, outro jatinho...

Quando o fazendeiro ia indo embora, viu o pobre implorando:

-Por favor, santinho, não esqueça dos meus dez reais! Preciso tanto...

Nisso, o rico mete a mão no bolso, tira uma nota de dez, entrega pro pobre, e diz:

-Toma! Vai embora daqui! Vê se deixa o Santo Expedito em paz, para que ele possa se concentrar no meu caso!

Coleção Piadas Jumbo - Ano 1- Nº 01

UM OUTRO MOMENTO

Vivemos um novo tempo do acontecer humano. Um momento configurado pelo antagonismo de ser ao mesmo tempo singular e plural. Dizemos que este momento é singular, não só por ser único no espaço-tempo-existencial, mas também porque está caracterizado pela criação de um mundo único em função da globalização.

Este momento também é plural porque o mundo único que foi criado está fragmentado em partes, e essas partes possuem especificidades que as diferenciam. A globalização em curso, promovida pelas grandes empresas, traz consigo a acentuação das diferenciações de classes, consequentemente também da exclusão, e da “transformação” do homem em mero objeto: objeto de trabalho, objeto do próprio homem, objeto dos objetos.

As pessoas são obrigadas pelas circunstâncias a vender sua força-trabalho e serviço por qualquer valor para poder adquirir os recursos necessários à sua sobrevivência e de sua família. Também os objetos técnicos são muitos: é comum encontrar as pessoas com celular, suas casas ou empresas equipadas com televisão, DVD, computador, fax, parabólica etc, e eles é que acabam controlando a vida dessas pessoas.

Por um lado, a globalização, associada ao capitalismo, acentuou a perversidade da exclusão social e a degradação ambiental; por outro, ela proporcionou substancial desenvolvimento no meio Técnico-Científico-Informacional, proporcionando conforto e comodidade.

Para alguns intelectuais, a globalização é de difícil reversão, pois não há nenhum outro sistema que se contraponha ao, capitalismo a ponto de suplanta-lo. Já para outro grupo ela não é de tão difícil reversão, mas apenas estamos vivendo um momento na história humana onde as coisas tomam proporções globais.

Será esse um período contraditório que se perpetuará, ou será que finalmente a grande mudança acontecerá? Seria o momento de repensarmos o pensado para refazeremos o vivido. Os meios necessários à mudança existem, mas sua eficácia dependerá de como os agentes políticos se apropriarão e utilizarão esses meios.

Chegou a hora de um outro olhar para o povo, com ações ideológicas a seu favor. E também o próprio povo olhar para si mesmo. Um outro momento, uma ascensão das classes pobres, como diria o professor Milton Santos “de baixo para cima com emoção”, e completá-los dizendo, intermediada pela educação. É hora do povo informar-se, instruir-se, educar-se, crescer em consciência e ser mais consciente para crescer.

Na esfera dos acontecimentos é hora do povo acontecer, só assim poderá se esboçar o palpitar da construção de um mundo mais humano, mais justo e mais solidário, ou seja, um mundo verdadeiramente cidadão.

Paulo Aguiar - Curso de
Licenciatura em Geografia - 5º
semestre - UESC

CEGUEIRA INTELLECTUAL

“Defenda uma UESC pública e gratuita”, esse foi o slogan impresso nos broches distribuídos na última manifestação com paralisação parcial do ensino-aprendizagem realizado pela Adusc (Associação dos Docentes), na quinta-feira, dia 07/04/05.

Com o intuito de chamar a atenção do governo do estado, assim como de todo o cidadão sobre a problemática que envolve as Universidades Estaduais da Bahia, a manifestação trouxe à tona preocupações que são comuns a todos nós, brasileiros, como o sucateamento da educação, a reforma universitária, os cortes de verbas e, principalmente, as perdas salariais.

Como de costume, a manifestação foi um ato de revolta, de indignação contra o desrespeito com que o governo do Estado vem tratando a comunidade universitária, os estudantes da UESC. Assim, seus professores deliberaram greve, iniciada na segunda-feira, 9 de maio de 2005.

A greve é um ato de não aceitação da política educacional do governo estadual e de pressão pela aprovação da pauta de reivindicações de alunos e professores, que também é de interesse de toda a sociedade, por se tratar de uma instituição pública.

É importante para nós, estudantes, termos a consciência de que a universidade pública e gratuita é um direito nosso e que ela não é tão grátis como se costuma pensar, se considerarmos os altos impostos que pagamos no dia-a-dia. A sociedade tem que entender que as universidades, sejam elas Federais ou Estaduais, são um bem, comum a todos nós brasileiros, porque elas funcionam em cima de um tripé de pesquisa, ensino e extensão que visa ao bem estar social, tentando driblar as facetas miseráveis de um sistema desigual e excludente.

Dentro desse contexto, a falta de compromisso da maioria dos estudantes e de alguns professores com a causa nos fazem pensar em que tipo de cidadãos está sendo formado na academia e o quanto de ideologias falsas são passadas nas salas de aula. É a cegueira intelectual, isto é, o ranço burguês que intimamente nos habita e que nos deixa incapazes de absorver informações e de lutar por algo que não está ligado diretamente a nós, mas que indiretamente nos afeta.

A crise brasileira vem desde sua gênese, depois de seu hipotético descobrimento, com a forma de colonização, reprimindo os nativos, escravizando os negros e explorando os recursos naturais do país para a metrópole. Assim, os grupos dominantes continuam no poder e a população continua sem assistência, submetendo-se a outras formas de exploração e submissão.

Isso é o que mais causa espanto e indignação: nós predadores nos comportamos como presas, talvez por submissão, alienação, covardia. É importante para nós, alunos e professores, termos plena consciência de que o sucesso ou insucesso da greve é estritamente de nossa responsabilidade e que os frutos gerados por ela, sejam eles bons ou ruins, vão ser herança deixada por nós.

Isis Penna Lima
3º semestre do Curso de Licenciatura em Geografia - UESC